

A medicina popular está representada por dois estudos: "Alguns Tratamentos Populares" (pp. 87-93) e "Medicina Popular pelas Orações" (pp. 169-176). O primeiro, de autoria de Jôsa Magalhães, cuida da terapêutica popular, "ministrada por agentes vegetais, que o autor distingue das procedente de fatores de origem animal, ou místicos." A medicina mágico-religiosa, com suas benzeduras, rezas, orações, simpatias, promessas, adivinhações simbólicas, terapêuticas rituais, uso de bentinhos, amuletos e patuás, constituem, basicamente, o corpo do segundo trabalho. Neste deve-se dar especial atenção às considerações que faz o autor, Eduardo Campos, em torno do livro de São Cipriano. Mencione-se ainda a importância que cabe à análise das diferentes variações regionais das orações coletadas.

Cândida Galeno descreve com minudências os "Ritos fúnebres no interior cearense" (pp. 145-167). Como resultado de sua experiência como pesquisadora participante pode dizer com exatidão a forma de realização do entêrrer em Canto Grande, explicar qual é o tratamento do corpo, de que consiste o vestuário do defunto, que ritual envolve a guarda do morto, sua despedida e o acompanhamento do entêrrer.

As "Bandas cabacais do Cariri" (pp. 113-116), "conjunto musical primitivo composto de dois instrumentos sonoros e dois de percussão", são estudadas, com certo saudosismo, por J. de Figueiredo Filho, um dos mais atuantes investigadores da história do Cariri na atualidade.

Bem sabemos não ser fácil organizar uma antologia nos moldes da aqui apresentada, que antes do mais é um útil repositório de sugestões e se constituirá, é forçoso afirmar, em fonte perene de informações. Mas, ainda assim é nosso desejo, a título de modesta contribuição, oferecer sugestões.

Florival Seraine bem andaria se melhor aproveitasse a literatura de cordel que está a merecer mais atenção dos estudiosos, sejam eles lingüistas, antropólogos ou sociólogos. O Pe. Cícero, presença constante no folclore de vasta área nordestina, sobretudo a cearense, parece ter sido relegado a segundo plano.

Sabe-se que no Brasil a documentação bibliográfica especializada, principalmente no setor das ciências humanas, é muito falha. Por este motivo o organizador da *Antologia* prestaria um grande serviço ao leitor se organizasse uma bibliografia final selecionada e comentada. — ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES.



HOUAISS, ANTONIO — *Seis poetas e um problema*. Rio, Edições de Ouro Culturais, 1967, 185 pp.

O nome de Antonio Houaiss se liga a dois trabalhos que bastariam para consagrar qualquer pessoa: a edição crítica das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a excelente tradução do *Ulisses* de Joyce. Em ambos revela conhecimento e acuidade lingüística pouco comum entre nós. Se a isto ligarmos a seriedade e honestidade com que trabalha, já o temos mais que recomendado como autor que se deve ler. Essas qualidades encontramos presentes no trabalho de que ora nos ocupamos, apenas para indicar seu conteúdo, informando aos possíveis interessados.

Depois de levantar o quadro da realidade política e social do Brasil, a partir do séc. XVII e mostrar o choque de interesses entre a Colônia e a Metrópole, acentuado na época da mineração do ouro em Minas Gerais, A. H. entra no problema da "escola mineira", como produto de forças contraditórias, o que a torna contraditória, também. Realidade que se reflete no jogo de interesses metropolitanos em detrimento dos coloniais. Dentro desse quadro está Silva Alvarenga cuja poesia se prende à tradição clássica, encontra-se também ligada ao seu tempo, visível através dela. Deste modo fica estabelecida nova perspectiva para o enfoque de sua obra bem como para a dos demais componentes da "escola mineira".

Passando a Gonçalves Dias, A. H. faz ver que, a despeito de ser "altamente satisfatório", do ponto de vista da *tradição*, os textos de seus poemas ainda estão à espera duma edição crítica para elucidação dos problemas de linguagem, aí presentes, em face dos padrões da época. Essa posição leva o excelente filólogo A. H. ao problema da edição crítica no Brasil, quando lhe faz uma série de restrições ao mesmo tempo em que mostra o estado nascente desses estudos no Brasil. Dessa digressão, explicadas as razões, vem a afirmativa de que a "lição conservadora" é a mais recomendável para o caso de Gonçalves Dias. Esta a lição seguida por A. H. para o estabelecimento do texto de G. Dias. De minha parte, depois do exemplo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tenho certeza de trabalho sério e profícuo, a que de certo não se fará reparo. Exemplificando com G. Dias, A. H. mostra os caminhos percorridos e a percorrer para uma edição crítica do poeta, tendo em vista: a) a *pontuação*, em busca das linhas melódicas do português de um modo geral; b) a *separação vocabular* — por ser, praticamente, a mesma de há quatro séculos atrás, deve-se conservá-la tal e qual; c) a *ortografia* e a *morfologia* — onde ocorrem problemas motivados pela colisão de momentos distintos da língua; d) a *crase* — que conduz a um problema fonético — o da diferenciação entre o português de Portugal e do Brasil; e) outros problemas menos específicos. Na verdade, há um roteiro formulado por quem (A. H.) já enfrentou concretamente o texto de Gonçalves Dias, com o instrumental indispensável à execução do trabalho e tem, portanto, condições de propor objetivamente as tarefas.

Em Augusto dos Anjos, A. H. encontra os reflexos da cultura de natureza cientificista e filosofante, característicos da segunda metade do séc. passado a que não ficaram infensos alguns escritores brasileiros dos inícios do presente século, no seu aspecto de divulgação. Vale dizer autores que trabalharam realidades estranhas à nossa, o que aliás vai ocorrer até ao Modernismo, salvo raras exceções. Utilizando-se de um vocabulário erudito, oriundo, principalmente, das ciências naturais, A. dos Anjos alcançou originalidade "fortalecida pelos proparoxítonos, com que conseguiu abrir o campo da emoção pela sugestão que leva à co-participação", sobretudo no seu aspecto de pessimismo negativista, próprio de adolescentes. Mas esses problemas se colocam ainda à superfície de sua poesia cujo estudo em profundidade ainda está por fazer-se.

Ao entrar no estudo de uma "fase" da poesia de Drummond, A. H. mostra a luta entre o poeta e a palavra, num artigo excelente pela qualidade crítica e pela abertura que oferece à compreensão do Poeta. Os dois componentes básicos que orientam A. H., em face da poesia drummondiana, são "a proscricção dos clichês, do vocabulário convencionalmente próprio" e "a inclusão de um vocabulário universal e personalíssimo, sem limitações musicais, rítmicas, conceptuais, sociais, eufêmicas..."

Assim "a teoria da palavra" em Drummond "princípio de forma negativa, demolidora". Atitude que compreende também as saídas para a ironia, para o humor. Sempre exemplificando, A. H. persegue as posições de Drummond na batalha com as palavras, com a busca e o encontro da poesia; a posse da palavra e sua fecundação poética, quando se dá a adequação entre o "poeta em sua totalidade e o mundo de sua concepção", ainda que adequação efêmera. Ao poeta é necessário o encontro na palavra de seu valor poético para penetrar surdamente o reino da poesia.

Estudando as oposições na poesia de Drummond, A. H. vai à evolução do vocabulário do Poeta no estabelecimento das associações, do coloquial ao social. Assim, A. H. estuda o processo de construção poética de Drummond com resultados até mesmo surpreendentes, facultando a compreensão de suas "desconcertantes" soluções.

Em Joaquim Cardoso encontra um poeta cheio de vibrações humanas onde a pulsão do viver é um imperativo de ressonâncias profundas pela necessidade de afirmação como fato próprio do viver. A esse amor da vida se liga o amor telúrico, e com ele se confunde. Completa-o como poeta o domínio da técnica que o transforma num "excelente artífice e artesão do verso". O seu equilíbrio está no fato de que "a formulação poética só é perfeita quando passa pelo crivo da racionalidade".

Fundamentalmente, A. H. busca mostrar que Joaquim Cardoso apresenta uma vivência poética autêntica e definida e que sua poesia é a própria dignificação do homem, e por isso realidade constante e não fato eventual ou necessidade bissexta.

Em Cabral de Mello Neto, depois de mostrar sua "filiação" poética e seu quase ineditismo (o artigo é de 1946), reclama edição mais completa ao hoje consagrado autor de *A educação pela pedra*. Pôsto isso, A. H. estuda a forma de sua poesia, percorrendo as quatro fases da poesia de Cabral de Mello Neto, onde reponta a insistente e consciente busca do próprio fim da poesia que absorve o Poeta. Assim êle revela o mundo e se revela na poesia graças a uma aguda consciência da técnica e do ato criador: é o que ocorre até *Psicologia de composição*; com *O oão sem plumas*, onde se dá a "fusão do sujeito com o objeto real" e se processa a crítica social de J. C. de M. N., êle sai marcado "de uma aventura sincera, profunda e honesta". Como ponto alto da poesia, está não apenas a qualidade, mas sobretudo a evolução dessa qualidade, a cada passo propondo uma nova atitude de espírito". Cabral é um poeta que não se repete e por isso desorienta, tais suas preocupações poéticas e o alto valor delas.

Por fim, tomando como ponto de partida uma mesa redonda realizada no Rio de Janeiro, A. H. faz uma série de considerações sobre a poesia concretista. Assim, procede a um balanço sério e lúcido das posições assumidas por Décio Pignatari, enquanto expositor (Décio) das direções e objetivos do concretismo poético: o que é, o que busca e por que busca uma nova configuração poética ou simplesmente a "poesia", despojando-a das impurezas da lógica e de outras limitações. Exposta a "teoria" concretista segundo a palestra de Décio Pignatari, A. H. inicia suas considerações para apontar, com a seriedade que é seu apanágio, os problemas nucleares que a poesia concretista tem de enfrentar para alcançar sua plena realização. Com argumentos respeitáveis, por sérios e honestos, A. H. analisa suas discordâncias com os propostos objetivos — como as dificuldades quase insuperáveis para que a poesia concretista se realize como tal. Assim vistos os aspectos negativos, passa aos positivos, onde respeita a posição dos concretistas, pela seriedade de seus propósitos, deixando, todavia, entrever uma luta onde a vitória será difícil.

Dêste modo, partindo de Silva Alvarenga, A. Houaiss chega até nossos dias mostrando uma tradição cultural e uma preocupação com os problemas de nosso tempo. De formação sólida e agudeza de inteligência, pôde observar os momentos de definição da cultura brasileira e interpretá-los com segurança, contribuindo decisivamente para sua compreensão. É o que sentimos nesse trabalho que não vacilamos em recomendar como leitura de grande interesse. — JOSÉ CARLOS GARBUGLIO.

